

## HATOUM E FLAUBERT- A PERSONALIZAÇÃO DO AUTOR CONTEMPORÂNEO NO DIÁLOGO COM O CÂNONE

Catarina Lemes Pereira<sup>1</sup>  
Elaine Pereira Andreatta<sup>2</sup>

### RESUMO:

A partir do aporte teórico de Harold Bloom, analisa-se a influência do autor francês, Gustave Flaubert, sobre o contemporâneo brasileiro, Milton Hatoum. Para esse estudo, são analisados comparativamente a obra *Dois irmãos* de Hatoum e o conto “Um coração simples” de Flaubert, partindo da observação da construção de duas personagens determinantes para o desdobramento da narrativa, que dialogam e assemelham-se mesmo com a longa distância temporal entre elas. Como resultado, desconstrói-se o conceito de que a influência é um termo que gera a despersonalização do autor, pois aqui o que se busca é demonstrar que esta pode agir de forma inversa, fortalecendo a sua personalização, como no caso do autor contemporâneo estudado, pois as leituras de Flaubert, em nada comprometeu a força da literatura de Hatoum ao contrário, contribuiu para a beleza da sua tessitura narrativa.

**Palavras-chave:** cânone; influência; Flaubert; Hatoum.

### ABSTRACT:

From theoretical Harold Bloom, we analyze the influence of French author Gustave Flaubert, on the Brazilian contemporary, Milton Hatoum. For this study, we compared the work are analyzed "Two brothers" Hatoum and the short story "A simple heart" of Flaubert, based on observation the construction of two key characters to the unfolding of the narrative, that dialogue and resemble even with long distance time between them. As a result, the concept that the influence is a term that generates the depersonalization of the author deconstructs- because here what is sought is to demonstrate that this can work the other way, strengthening its customization, as in the contemporary author studied because the readings of Flaubert, nothing committed the strength of Milton Hatoum literature and instead contributed to the beauty of its narrative structure.

**KEYWORDS:** canon; influence; Flaubert; Hatoum.

### INTRODUÇÃO

Existem hoje inúmeras teorias que visam dar conta da influência de uma literatura maior desaguando em literaturas consideradas menores. Nesse sentido, temos as análises de influência que partem das literaturas estrangeiras sobre a nacional, as do clássico sobre o contemporâneo, ou ainda os estudos da tradição que veem no cânone o meio mais amplo de

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras - Língua e Literatura Portuguesa, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

<sup>2</sup> Mestre em Letras- Estudos Literários, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

influência, num caminho em que apenas os clássicos podem influenciar as novas imbuções literárias - fosse assim e não teríamos nada diferente, apenas repetições de estilo, discurso e temáticas.

Para o crítico americano Harold Bloom, o questionamento é muito mais amplo e profundo. Bloom é hoje o principal teórico dos estudos da influência, e sua teoria tornou-se largamente aplicada porque o crítico defende a ideia de que todo poeta forte, independente do momento ou lugar, sofre com a angústia da influência. É como se todo grande poeta estivesse inserido em um processo contínuo de libertação de suas leituras e busca de aquisição de sua própria identidade ou afirmação enquanto artista. Bloom dedica grande atenção aos grandes nomes da literatura mapeando seus precursores e constituindo uma o conceito de influência a partir da psicanálise e entendendo-a como um ato realizado pelo poeta efebo ao agir sobre o seu precursor (poeta-pai), escrevendo a partir dele, mas buscando a libertação, em busca da Musa criadora. Para Bloom:

Influência é uma metáfora, que implica uma matriz de relacionamentos-imagísticos, temporais, espirituais, psicológicos – todos em última análise de natureza defensiva (...) o que os escritores podem sentir como angústia, e o que suas obras são obrigadas a manifestar, são as *consequências* da apropriação poética, mais que a sua *causa*.” (2002, p. 24)

Em outras palavras, Bloom (2002) não enxerga a influência como um mero ato de transposição de ideias, ou, segundo suas próprias palavras: “uma passagem de imagens e ideias de poetas para seus sucessores.” E afirma: “a influência como a concebo, significa que não existem textos, apenas relações entre os textos.” (p. 23)

O objeto de estudo do presente artigo propõe a aplicação da teoria de Bloom, desenvolvendo os paralelos entre Flaubert, romancista francês do século XX - aqui apresentado como o precursor, e Milton Hatoum, romancista brasileiro contemporâneo e discípulo confesso do autor de *Madame Bovary*. Para justificar o diálogo entre precursor e sucessor serão analisadas a personagem Felicité do conto “Um coração simples”, texto integrante do livro *Três contos* do escritor francês, e Domingas, uma das personagens chave da obra *Dois irmãos*, de romancista brasileiro.

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita é importante ressaltar que a influência de Flaubert na vida de Hatoum é tanto interessante de ser estudada quanto primordial para a compreensão do despertar desse autor para a literatura. Em crônica escrita pelo próprio Hatoum, intitulada “Flaubert, Manaus e Madame Liberalina”<sup>1</sup>, o autor declara:

De fato, naqueles meses de inverno e reclusão, não escrevi nada. Minha única tarefa era ouvir Madame Liberalina falar em francês e traduzir para o português. E o que ouvi foi um conto de um livro incrível.(...) Enquanto a chuva caía com a intensidade de um dilúvio, ouvia a voz de Madame traduzir o conto *Uncoeursimple*, de Flaubert. De simples, esse texto não tinha nada. (...) Na tradução feita e lida lentamente por Madame Libê, era impossível ser indiferente ao sofrimento da pobre empregada invejada por outras patroas de Pontl'Evêque. Sofrimento de uma vida obediente, que fracassou no amor; ou melhor, foi ludibriada no amor e nos laços de família, e explorada até a morte nas relações de trabalho. Isso eu não apenas percebi como também tracei algum paralelo com a vida das empregadas que conheci e com as quais convivi em Manaus. Jovens ou velhas, elas se extenuavam para comer e ter um teto nos fundos da casa. Às vezes nem se tratava de uma casa grande, pois essas empregadas não remuneradas podiam morar em uma edícula de casas da classe média.(...). (HATOUM, 2013)

Em outro trecho da mesma crônica ele declara:

É provável que as circunstâncias e o momento em que tomei conhecimento do conto tenham sido determinantes para mim. Sem essa “leitura de ouvido”, que me permitiu desvelar uma realidade que teimava em se esconder no âmbito da família e no antro da província, não sei se teria escrito o romance *Dois irmãos*. Alguma coisa da personagem Domingas foi inspirada em Félicité. Na hora da morte, alucinada pela visão do paracleto, ela vê no papagaio Loulou– um perroquetAmazona – a figura do Espírito Santo. Essa foi apenas uma de tantas influências conscientes, pois há outras que sequer sabemos.

Nesses trechos duas coisas nos ficam claras. A primeira é que a influência de Flaubert sobre Milton Hatoum foi um fator determinante para a sua inserção no mundo da literatura, além de contribuir para as suas memórias de leitura, configurando-se, portanto, em uma das leituras que se cristalizaram no seu inconsciente. A segunda é que foram essas leituras da juventude, somadas às próprias experiências vividas, aquilo que entendemos como um emaranhado de motivos para a construção do romance *Dois irmãos*.

Importante saber também que tamanha admiração levou Milton Hatoum, anos depois, a traduzir a obra *Três Contos*, onde se apresenta “Um coração simples”, na companhia de um amigo e especialista de Flaubert – Samuel Titan Jr. Este, por sua vez, ao perceber as semelhanças entre as personagens Félicité e Domingas foi o primeiro a estabelecer paralelos entre as personagens evidenciando pontos de aproximação, apesar de mais de um século de distanciamento.

Assim, a leitura de “Um coração simples” em nossa língua passa por um duplo processo de captação: o da criação de Flaubert enquanto autor, e o da recriação de Hatoum em

sua tradução. E somente um autor com uma sensibilidade poética e linguagem trabalhada, conseguiria fazer do conto de Felicité exatamente aquilo que Flaubert desejou– um conto perfeito. E a aquisição dessa habilidade adquirida, a todo instante rememora sua fonte. No texto “Porque traduzi Flaubert”, de Hatoum, encontramos a declaração:

Li os volumes da correspondência de Flaubert, que são, a meu ver, uma lição primorosa sobre a arte de narrar; ou melhor, sobre a dificuldade de narrar. Flaubert inaugurou o romance moderno porque problematizou a linguagem: contar uma história implica na seguinte pergunta: como contá-la? E essa é uma questão central para quem escreve, e também para quem está perplexo diante da página em branco: quer dizer, para os que não conseguem escrever. A correspondência é, de certo modo, um afresco da vida e do tempo de Flaubert. Em centenas de cartas há comentários sobre o amor, as amizades, o ambiente literário, cenas da província e de Paris, as viagens ao Oriente, a História francesa, as leituras e obsessões. ( texto publicado no site do autor) (HATOUM, 2013).

Essa linguagem, tão bem apresentada na tradução do conto é a mesma que rege a construção do romance *Dois irmãos*. Hatoum conseguiu constituir a elaboração de uma história que mesmo em seus conflitos tão peculiares, demonstram uma ligação absoluta com o conto de Flaubert. E nesse agôn literário<sup>2</sup> temos duas mulheres importantes que precisam ser analisadas comparativamente, de modo a contribuir para o entendimento da criação do efebo em relação a um texto já existente dado pelo seu precursor.

De um lado Felicité, protagonista do conto “Um coração simples”. De outro, Domingas personagem de importância secundária, no entanto, de primordial relevância para a compreensão da sua narrativa.

Felicité é uma criada humilde, invejada por sua dedicação e lealdade para a família que trabalha. No entanto, apesar de uma função bem delineada, as relações ultrapassam o campo do trabalho e a família torna-se para Felicité tudo o que ela tem, e por isso é fruto de seu esmero. Felicité alegre-se na família, e sofre suas dores. Assim também acontece com Domingas.

Tendo ir para a casa dos patrões muito jovem, a vida desta personagem é contada pelo olhar de seu filho Nael – cuja identidade também vai se revelando ao longo da narrativa -e a narrativa desvela uma vida que não é unicamente sua, mas o resultado das relações com os patrões e os filhos destes. O que temos não é apenas uma imagem que se repete dada pela função de ambas as personagens nas obras. Repetem-se também as suas motivações, as suas ações e a compreensão que elas têm da relação com a família as quais servem.

Na voz de Lucius de Melo:

As criadas Domingas e Félicité pertencem a tempos e mundos completamente diferentes. A primeira tem sangue indígena, e habita a cidade de Manaus cercada pela selva amazônica em meados do século XX. A segunda, descendente de europeus, vive em *Pont-l'Évêque*, uma bucólica e charmosa cidade francesa do século XIX. Mas, apesar de distantes no tempo e no espaço, elas estão unidas pela subjetividade e entrelinhas criadas pelos seus autores. (MELO, 2011)

Félicité e Domingas tem em comum a infância. Sobre Félicité sabemos que ela ficou órfã ainda menina:

O pai pedreiro, morrera ao cair de um andaime. Depois a mãe morreu, as irmãs se dispersaram, o dono de uma granja recolheu-a e a mandou, pequenina ainda, cuidar das vacas no pasto. Ela tirava seus farrapos, bebia de bruços a água dos brejos, era surrada sem razão e finalmente foi expulsa por conta do furto de trinta centavos, que ela não cometera (FLAUBERT, 2004,p. 17).

Domingas, por sua vez, quando orfã, já batizada e alfabetizada, foi presente de uma freira ao então jovem casal Zana e Halim:

Uma beleza de cunhatã, cresceu nos fundos da casa, onde havia dois quartos, separados por árvores e palmeiras. Uma menina mirrada que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs. (...) Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com a índia. “O que a religião é capaz de fazer”, ele disse. “Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa” (HATOUM, 2000, p. 48).

Nesses trechos podemos perceber a força da presença do narrador. Em “Um coração simples”, o narrador em terceira pessoa oferece um distanciamento e aparente imparcialidade de quem observa a protagonista com as reservas de quem a enxerga somente pelo lado de fora. Em *Dois irmãos*, o narrador em primeira pessoa adentra de forma mais completa a vida de Domingas. Além disso, o fato de Nael ser, além do narrador, o filho da personagem descrita contribui para a construção de uma narrativa em que, ao contar, narrador-personagem também busca entender as suas origens e entender-se. Talvez por isso, possamos sentir em Domingas, uma pulsação de vida maior que em Félicité. A propósito disso, Lucius de Melo nos fala:

Em primeira pessoa, o narrador hatouniano é observador e testemunha privilegiada; tenta reconstruir sua própria identidade em meio aos estilhaços das histórias dos outros, que ouviu e guardou, ou dos fatos que presenciou,

do seu quarto afastado no fundo do quintal. Ao contrário do narrador do conto flaubertiano, que, em terceira pessoa, narra a biografia da criada Félicité com distanciamento e a aparente imparcialidade de quem não conviveu com a protagonista. Mas, tanto no conto de Flaubert como no romance de Hatoum, os narradores são completamente controlados pelos seus criadores, e forçam o leitor a buscar, nas entrelinhas, detalhes vitais para a compreensão da história. Essa precisão é responsável pela ambiguidade das narrativas. (MELO, 2011)

Assim como Félicité, Domingas é uma empregada leal aos dilemas da família e tanto para madame Aubain, quanto para Zana e Halim, as maiores preocupações são com os filhos. Madame Aubain sofre com a irresponsabilidade de Paul, enquanto Zana compartilha as frustrações com o perdido Omar.

Em “Um coração simples”:

Mas só uma coisa era capaz de comovê-la – as cartas do filho. Este não conseguia seguir nenhuma carreira, absorto que estava nos botequins. A sra. Aubain pagava suas dívidas; ele fazia outras; e os suspiros que ela soltava, tricotando junto à janela, chegavam até Félicité, que girava o fuso da cozinha (FLAUBERT, 2004, p. 39).

Em *Dois irmãos*:

Era capaz de bater, de quebrar tudo se alguém o impedisse de partir. Ninguém dormiu naquela noite. Zana não parava de lamentar; culpava-se, depois acusava Halim: “Nunca foste pai para ele, nunca. Ele fugiu por causa do seu egoísmo... Isso mesmo egoísmo”. Subia e descia a escada, atarantada, exigindo a minha presença e a de Domingas (HATOUM, 2000, p. 109).

Ao longo da narrativa encontramos várias semelhanças entre as personagens. Félicité e Domingas. Ambas são muito católicas e nisso configuram-se como almas de bom coração. Elas também amam as coisas da natureza e conseguem ter um amor profundo pelas coisas mais simples. No entanto, o ponto alto de aproximação de ambas fica por conta do *grandfinale* das narrativas. Félicité adota um papagaio como filho, o papagaio Loulou e faz dele um companheiro confidente e sagrado; seu amor por ele é tanto que quando o bicho morre, Félicité paga para que ele seja empalhado. Domingas também tinha seus mascotes e entre eles um pássaro empalhado em seu quarto.

Na hora da morte das duas personagens, são esses bichos, os pássaros, que contemplam um ao grande final da outra. Não só a presença deste ponto de contato, mas a análise da imagem dos pássaros precisa ser entendida, já que temos aqui uma possível

metáfora para a liberdade das duas empregadas. O ato de empalhar o animal, além de tê-lo em cativeiro, denota a ideia de aprisionamento das duas personagens, mesmo que elas assim não o vejam por desejarem estar com as famílias. Por outro lado, empalhar pode significar um ato de coisificação daquilo que era vivo e torna-se morto, sem essência, mas conservada a sua aparência. Félicité e Domingas sempre estão em seus lugares, em funções determinadas e prontas a realizarem suas tarefas. Aí a possibilidade de desleitura de Hatoum, já que Domingas é narrada pelo seu filho, que busca humanizá-la, ao descrever momentos de exploração e até do abuso sexual cometido por Omar.

Em “Um coração simples” na hora da morte, Félicité vê no papagaio *Loulou* – um *perroquet Amazone* – a figura do Espírito Santo: “... e, quando exalou o último suspiro, ela acreditou ver nos céus entreabertos um papagaio gigantesco, planando acima da sua cabeça” (FLAUBERT, 2004, p. 53).

Em *Dois irmãos*, ao ver Domingas morta na rede, o filho encara o pássaro empalhado que sua mãe mantinha no quarto: “as asas finas de um saracuí, o pássaro mais belo, empoleirado num galho de verdade, enterrado numa bacia de latão. Asas bem abertas, peito esguio, bico para o alto, ave que deseja voar” (*Dois Irmãos*, 2000, p.182).

Nos dois textos, a morte parece representar a única possibilidade de libertação sonhada por mulheres exploradas. Assim, Hatoum recupera Flaubert em seu texto, dançando com os motivos já citados, mas buscando um novo caminho, já que os coloca ressignificados, em outro tempo, com outras imagens e, principalmente, visto sob outro foco narrativo.

Segundo afirma Raymond Williams, professor de Literatura Latino-americana na Universidade de Riverside (Califórnia), no livro *Arquitetura da Memória*:

A presença de Flaubert (em Milton Hatoum) é visível na mesma forma que percebemos traços do escritor francês na ficção de Vargas Llosa: o controle preciso do narrador é, mais especificamente, uma consciência desenvolvida das consequências de quem narra as mudanças do ponto de vista. Neste sentido, tanto Hatoum como Vargas Llosa são profundamente flaubertianos. Além disso, Hatoum utiliza uma linguagem minimalista, que, a exemplo de dois mestres brasileiros deste estilo (Machado de Assis e Graciliano Ramos), podemos associar a Flaubert. (2007, p.166).

No entanto mais que a conquista de uma linguagem flaubertiana – tão desejada nos últimos dois séculos por praticamente todos os escritores que o sucederam, Milton conseguiu manter viva a chama do drama familiar apresentada num conto do século XIX e reapresentada em um romance em pleno século XXI. O que podemos perceber é que apesar de um século de

distanciamento, a vida das duas mulheres é moldada a partir dos papéis que estas desempenham na sociedade, em uma função que, em primeiro plano, é o da empregada, mas que acaba mergulhando no universo familiar e compartilhando de todos os seus momentos, passando a ser até parte dela, mas nunca sendo reconhecida como tal.

A esse respeito Bloom diz: “A ironia de uma época não pode ser a de outra, mas as influências-angústias estão embutidas na base agonística de toda literatura de criação.” (BLOOM, 2002, p. 25). E a narrativa de Hatoum torna-se mais forte por conseguir captar a essência do drama de Felicité e criar uma criatura irmã – Domingas, sem estereotipá-la por ser fruto de um influxo de consciência do precursor. Parte disso constatou a pesquisadora Tânia Pellegrini, no ensaio *Milton Hatoum e o Regionalismo Revisitado*:

(...)o regionalismo de Hatoum recorre a articulações literárias europeias incorporadas e consagradas, buscando amplitude e espessura, sobretudo no recurso às histórias em “moldura”, que exigem meticuloso trabalho com os narradores e remetem tão longe quanto às *Mil e uma noites*. Esse componente da tradição literária, aparentemente conservador, é que dá respaldo aos dramas humanos ali expressos como tema central (PELLEGRINI, 2007, p.107).

Nesse ponto retomamos a ideia de tradição e voltamos ao ponto central dessa pesquisa: a angústia da influência, proposta por Bloom e entendida em Flaubert e Hatoum. A constante busca de Hatoum em desvendar e aproximar-se de seu precursor e as semelhanças das obras apresentadas, permitem-nos inserir ambos os autores no círculo de aplicabilidade dessa teoria. Isso porque o teórico diz: “Meu interesse é apenas por poetas fortes, grandes figuras com a persistência de lutar com seus precursores, mesmo até a morte” (2002, p. 32)

O que Bloom afirma é que somente os grandes autores têm a força para lutar com essa angústia e libertar-se desta tornando-se mais forte, às vezes, até mesmo que o seu precursor. Há uma frase de Oscar Wilde<sup>3</sup> que diz que “todo discípulo toma alguma coisa de seu mestre”<sup>3</sup>. Nesse caso, podemos dizer que o que Hatoum “tomou de seu mestre” foi a busca por uma linguagem limpa, na construção de uma obra densa em que cabe a máxima de Poe<sup>4</sup> “o máximo de ideias em um mínimo de palavras”.

No entanto, mais que apropriar-se dos ensinamentos do mestre, Hatoum foi além num processo de superação em que o autor já amadurecido consegue ultrapassar as amarras do precursor e a começar a ser visto como o futuro precursor da geração que representa. Para

<sup>3</sup> Frase lida no site [http://rodolfomartino.blog.uol.com.br/arch2012-06-17\\_2012-06-23.html](http://rodolfomartino.blog.uol.com.br/arch2012-06-17_2012-06-23.html).

<sup>4</sup> Frase lida no ensaio POE, E.A. The philosophy of composition.



Bloom, esse processo identifica-se como *Askesis*, um das seis proporções revisionárias, apresentados por ele, na obra *A angústia da Influência*. O autor nos confirma:

A sublimação poética é uma *askesis*, uma maneira de purgação que aspira a um estado de solidão como próxima meta. Embriagado pela nova força repressiva de um Contra-Sublime personalizado, o poeta forte, em sua elevação daemônica, adquire poder para voltar sua energia para si mesmo, e consegue, a um custo terrível, sua mais nítida vitória na luta com os mortos poderosos. (BLOOM,2002,P.163-164).

Assim podemos perceber que nesse processo de sublimação o autor começa a decodificar a sua própria expressão dentro de uma criação que até então era sua, mas também era de outro. A obra de Hatoum tende, portanto, a afastar-se cada vez mais dos moldes europeus e adquirir a força de uma literatura que não só olha para a sua cidade de origem Manaus, mas que também nasce dela e quanto mais “pura” essa literatura se torna, mais viva também se apresenta. É neste ínterim que podemos entender a leitura distorcida proposta por Bloom dada por um narrador que se relaciona com a personagem descrita, além de um clima de mistério em torno da identidade deste narrador. Além disso, a humanização que falamos anteriormente é uma forma de distanciar Domingas de Félicité. Esta também se apresenta com um olhar científico, objetivo da subjetividade humana, enquanto aquela é carregada da própria subjetividades ao ser descrita. É a busca de superação de Hatoum em relação à sua angústia.

E esse processo acontece com todos os grandes autores. Hatoum precisa superar a influência Flaubertian, da mesma forma que Flaubert em algum momento precisou romper com a influência de seu mestre – Balzac.

Assim, ainda que hajam pontos de aproximação entre ambos, há outros tantos que nos mostram a originalidade de Hatoum na criação de personagens peculiares às suas próprias denominações. Percebemos então que Hatoum, além de superar o seu mestre supera a si mesmo a cada obra publicada.

Autor de cinco livros publicados, entre eles *Relatos de um certo Oriente*, *Dois irmãos*, *Cinzas do Norte*, *Órfãos do Eldorado* e *Cidade Ilhada*, o autor amazonense já figura hoje como um dos principais nomes da literatura brasileira e coleciona prêmios de extrema relevância para a carreira de todo grande escritor. Dentro do cenário atual pode-se dizer que já vive o que aponta o seguinte trecho:

O ato de rebelar-se e buscar espaço para sua própria imaginação é, portanto, um ato de conhecer. Indo além, pode-se inferir que o conhecimento literário

transforma-se em autoconhecimento, pois toda leitura de uma obra é uma construção e criação de si mesmo. Neste contexto o encenador deve escapar da influência do “Deus/Natureza literatura” criando a si mesmo na encenação. O escritor é um demiurgo, um criador de universos, que ao encontrar o leitor através de sua obra provoca-o a ser ele também um arquiteto de novos mundos.” ( BLOOM, 2002, P. 8)

Ao apontarmos as similaridades e as diferenças entre as obras dos escritores, observando as referências ao precursor na obra de Milton Hatoum, queremos ressaltar como uma história nasce de outras histórias, podendo tornar-se singular. A tradição perpetuada pelo sucessor se dá pelos arquivos relacionados ao cânone, leitura anteriormente realizada pelo sucessor e que é acionada no momento da tessitura do seu texto, eternizando suas tradições e costurando as obras de seu precursor.

A questão parece ser o entendimento de que é exatamente por isso que a originalidade funda-se, ao agir sobre temas já citados e ao captar a força narrativa daqueles que já marcaram seu nome na história. Agir sobre significa ir além dele, não fazendo uma mera imitação, mas ressignificando e utilizando novas estratégias que tornem o entrecruzamento de vozes ainda mais interessantes aos seus leitores. Algo que acontece primorosamente em Milton Hatoum.

## REFERÊNCIAS

- FLAUBERT, Gustave. **Três Contos**. São Paulo: Ed. CosacNaify, 2004.  
 \_\_\_\_\_. **A Educação sentimental**. 1965. Coleção grandes romances universais, volume 08.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.  
 \_\_\_\_\_. **O mapa da desleitura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 2003.  
 \_\_\_\_\_. **Abaixo as verdades sagradas**. Rio de Janeiro: Imago, 2012.
- EDUA. **Arquitetura da memória. Relato de um Certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte de Milton Hatoum**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- WELLEK, René, 1903 - **História da Crítica Moderna: 1750-1950**. São Paulo, Herder, Ed. da Universidade de São Paulo, 1967 – V. 4.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000  
 \_\_\_\_\_. **Ensaio Manaus, Flaubert e Madame Liberalina**. In site do autor.

---

<sup>1</sup>A crônica citada foi publicada no livro *10 livros que abalaram meu mundo* (2006), também disponibilizada no site do escritor: <http://www.miltonhatoum.com.br>.

<sup>2</sup> Termo “agon literário” é utilizado a partir da leitura de Bloom (2002) que afirma ser a luta do poeta forte contra seu precursor, em que o sublime literário é o sublime do leitor.